

“MEU SEMBLANTE MUDOU E TUDO MUDOU”: TRANSIÇÃO DE GÊNERO DE HOMENS TRANS¹

Eixo Temático 27 – O Corpo e os Efeitos das Práticas para Além dos Órgãos

Leticia Carolina Boffi²
Orientador: Manoel Antônio dos Santos³

RESUMO

O objetivo deste estudo descritivo-exploratório é compreender o processo de transição de gênero de homens trans. Participaram da pesquisa 15 homens trans, com idades entre 20 e 41 anos, no processo de hormonização. Foram realizadas 13 entrevistas na modalidade online e duas presencialmente, com roteiro semiestruturado. Dados foram analisados com a análise temática reflexiva. Resultados apontam que diversos momentos compõem o processo de transição de gênero, desde vivências disfóricas corporais até a hormonização e realização da cirurgia de mastoplastia masculinizadora. Conclui-se que o processo de transição de gênero vivenciado pelos homens trans transcorre entre processos sociais e corporais, e tem como principais motivações o desejo de liberdade e a busca pela expressão de si mesmos.

Palavras-chave: Transexualidade, Homens Trans, Hormonização, Masculinidade, Transição de Gênero.

Introdução

As identidades transmasculinas ganharam visibilidade nacional a partir de 2010, com a ascensão das comunidades online e a emergência de Políticas Públicas voltadas à saúde da população transmasculina (ÁVILA, 2014). A visibilidade também se deu na academia e

¹ Trabalho derivado da Dissertação de Mestrado intitulada “Tornando-se homem: processos de agenciamento de corporalidades de homens trans – contribuições para o campo emergente das transmasculinidades”. Pesquisa fomentada pela CAPES, por meio da concessão de bolsa de mestrado à primeira autora, processo número 88887.600239/2021-00. O segundo autor é bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-1A do CNPq.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP, graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia, leticiaboffi@gmail.com

³ Professor orientador: Professor Titular do Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – FFCLRP-USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa PQ-1A do CNPq, masantos@ffclrp.usp.br



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

observou-se o aumento de pesquisas com tal população, especialmente na área da saúde, a partir da inclusão de tais sujeitos no Processo Transsexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS), em 2013. Nesse contexto, os estudos voltaram-se para a necessidade de modificações corporais que alguns homens trans e pessoas transmasculinas apresentam.

Ao discorrer acerca das experiências trans um tema recorrente nas pesquisas é o processo de transição/afirmação de gênero em suas diversas facetas. Um dos aspectos destacados é a “passabilidade”, um conceito que pretende descrever o processo material de apresentação do gênero em concordância com as normativas binárias e cisgêneras, masculino ou feminino. A passabilidade é, segundo Guilherme Almeida (2012, p. 519),

(...) utilizada para referir-se a uma capacidade pessoal de ser reconhecido/a como pertencente a um gênero que não era o designado no sujeito ao nascer. Essa capacidade pessoal envolve tanto certa manipulação de alguns cuidados físicos característicos do gênero pretendido quanto atributos de comportamento que sejam culturalmente associados a tal gênero.

Aliás, o autor aponta que a passabilidade é uma faceta muito comum na experiência da transexualidade masculina e pode ser adquirida por modos não interventivos e de cunho da compreensão cultural, como vestimentas e comportamentos, ou de modos corporalmente intrusivos e definitivos em níveis farmacológicos e cirúrgicos. Em tal processo, destaca-se a hormonização, com a aplicação de testosterona exógena, cujos efeitos em tais corpos remetem ao aparecimento de pelos faciais, alteração na tonalidade da voz, redistribuição de gordura corporal, ressecamento de gordura mamária, hipertrofia dos músculos, entre outros.

A partir da própria demanda dos homens transexuais, a administração hormonal passou a ser uma condição *sine qua non* nos processos de construção das masculinidades transexuais. Tal procedimento ganha desdobramentos que acabam por romper as fronteiras dos serviços de saúde especializados, transformando-se em um potente dispositivo de medicalização e de construção de processos de subjetivação (LIMA & CRUZ, 2016). Sampaio e Medrado (2019) pontuam que, enquanto os hormônios se localizam nas esferas de moléculas atuantes, também têm assumido importância nas formas de “relação consigo” de seus agentes, resultando na produção de novas conformações de “eus”. Desse modo, contribuem para descrever sobre o processo de subjetivação que se desvela para tais sujeitos. Nesse sentido, os hormônios não estão envolvidos única e exclusivamente nos processos de saúde e adoecimento, mas na busca do imperativo de felicidade e realização pessoal, que articula padrões de aparência, de afetos, de feminilidade e masculinidade (SAMPAIO & MEDRADO, 2019). Nesse sentido, o objetivo deste estudo é compreender o processo de transição de gênero de homens trans.

Método

Tipo de estudo

Considerando a natureza da questão de pesquisa e o objetivo do estudo, optou-se pelo delineamento de pesquisa qualitativa, cuja premissa é a busca dos significados atribuídos às experiências humanas, preocupando-se com o processo social, o contexto no qual o fenômeno ocorre e a integração de informações.

Considerações éticas

Esta investigação foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da instituição a qual as(os) pesquisadoras(es) estão vinculadas(os), com o número de protocolo 3.926.604 e CAAE 25897819.8.0000.5407. Os participantes assinaram presencial ou digitalmente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Os nomes próprios são fictícios e foram escolhidos pelos próprios participantes.

Participantes

Participaram do estudo 15 homens trans, com idades entre 20 e 41 anos, que estavam em processo de hormonização, iniciado entre cinco meses a cinco anos, com ou sem intervenções cirúrgicas concomitantes. Em relação à escolaridade, predominou o ensino médio completo (nove participantes), seguido pelo ensino superior incompleto (quatro participantes), um participante na pós-graduação (mestrado) e um participante com ensino fundamental completo. No que se refere às atividades profissionais, destaca-se o trabalho autônomo como principal meio de renda (atendentes de lojas, barbeiros, motorista de aplicativos de locomoção, cozinheiro), seguido por um trabalhador com carteira assinada (atendente de *telemarketing*), um pesquisador bolsista e dois desempregados. Do total, oito entrevistados moravam com os pais, três moravam com companheiras e quatro moravam sozinhos. A classificação econômica se distribuiu nos vários estratos, com predomínio dos mais baixos: A (1), B1 (1), C1 (5), C2 (7) e D-E (1), com amplitude de renda entre 200R\$ e 4000R\$

Coleta de Dados

Foram utilizados para a coleta de dados: Formulário de Dados Sociodemográficos, Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) e Roteiro de Entrevista Semidirigida.

Análise de Dados

Os dados foram analisados com o auxílio do *software* QDA Mine Lite, de acordo com a Análise Temática Reflexiva para sistematização (CLARKE; BRAUN; HAYFIELD, 2019), e discutidos à luz dos estudos das transmasculinidades.

Resultados e discussão

As narrativas dos participantes acerca de seus processos da transição de gênero perpassam o desconforto com o próprio corpo em termos da disforia, as expectativas da possibilidade de mudanças, as modificações corporais compostas por processos não invasivos e, por fim, o processo de hormonização como modo de alívio do sofrimento e esperança de reencontro consigo mesmo.

Yoasi descreve um dos processos disfóricos, ao se recordar de sua infância e adolescência, especialmente os conflitos em relação à tonalidade da voz:

[...] uma das coisas que eu percebo em relação à infância e à adolescência é que eu tinha muitos problemas em relação à voz. Eu tinha muita dificuldade de falar, eu tinha dificuldade em falar pelos conflitos que o tom da voz me causava, pelo som da voz, então, se eu falasse, abrisse a boca, aí que o conflito ia aumentar. Por conta disso, eu tive problemas na comunicação. As pessoas achavam que eu tinha problema na dicção, de leitura (Yoasi, 41, heterossexual, 5 anos em T, realizou mamoplastia masculinizadora).

Ricardo descreve uma situação de constrangimento que vivenciou com relação à presença dos seios, relato comum para aqueles que apresentam disforia com essa parte do corpo. Por esse motivo, a cirurgia de mamoplastia masculinizadora é a mais desejada:

Eu gosto muito de piscina, mas eu não gosto de ir para parque aquático porque tu tem que tirar a camiseta e aconteceu um episódio em que eu fui de camiseta e o carinho que cuidava apitou de longe e todo mundo que estava ali me olhou e eu saí na hora da piscina. Naquele momento, já era, meu dia acabou porque eu me senti constrangido, por mais que ninguém soubesse, eu me senti mal, então são coisas que eu não faço mais (Ricardo, 23, heterossexual, 3 anos em T).

Ao se identificarem como homem trans, o desejo de realizar as modificações corporais é vivenciado como a oportunidade de respirar, finalmente, um sopro revigorante de liberdade, como conta Leonardo: “Eu nunca consegui entender e me enxergar como mulher, então, devido a isso, eu não conseguia entender e eu pensava que eu estava louco e que isso não existia; na verdade, eu só não sabia que existia um termo correto” (Leonardo, 25, heterossexual, 5 meses em T).

Os participantes rememoraram suas expectativas em relação ao processo de transição de gênero. A barba foi o benefício mais esperado e considerado imprescindível nesse processo, refletindo uma materialização corporal dos signos atribuídos ao masculino. Olliver conta: “Eu sempre quis ter barba. Sempre, desde quando eu era criança, sempre quis ter barba” (Olliver, 21, pansexual, 1 ano e 3 meses em T).

O início da transição de gênero, com vistas a adquirir as modificações corporais, é retratado como modo de libertação. Muitos inauguram suas modificações a partir dos processos não invasivos, como vestuário e o corte de cabelo, fixando-se em estilos lidos socialmente como masculinos. Consideram essas aquisições como um marco simbólico do processo de transição:

Meu cabelo batia na cintura e eu falei: “Vou doar o cabelo” [...] Essa foi a mudança mais considerável que eu já tive em toda a minha vida, porque mesmo antes de me hormonizar, quando eu cortei o cabelo meu semblante mudou e tudo mudou, fiquei muito diferente, nem eu me reconhecia (Leonardo, 25, heterossexual, 5 meses em T).

Acerca dos processos mais permanentes, os homens trans reiteraram a necessidade imperiosa de externalizarem sua autoimagem para o reconhecimento do outro e de si mesmos, e em tal processo a hormonização é ressignificada como um “bote salva-vidas”, ao permitir que eles deixem de lado as características que os incomodavam e produzam um corpo mais desejável para si mesmos (Pedrini, 2017). O aval médico para aqueles que fazem acompanhamento e a primeira aplicação da testosterona são vistos como o início de um novo ciclo de vida, no qual o principal resultado a ser usufruído é a liberdade de ser, para si e para os outros, quem eles de fato são e como gostariam de ser reconhecidos. Lucca comenta: “É um misto de felicidade, liberdade, medo, receio, um pouco de ansiedade, né, porque a gente fica querendo ver as mudanças o quanto antes, mesmo sabendo que tem um tempo pra cada situação” (Lucca, 25, heterossexual, 1 ano e 9 meses em T).

Dentre os participantes, cinco relataram ter iniciado a hormonização sem acompanhamento médico, tendo em vista as dificuldades de acesso à saúde pública. Peter (24, heterossexual, 1 ano e 6 meses em T) comenta dos perigos vivenciados: “Os meninos falavam: ‘Não, vamos lá! Não vai acontecer nada’. Aí eu fui aplicar e, no outro dia, estava todo empipocado”. A emergência do processo de hormonização também tem incentivo social, visto que, dentro das normativas binárias e cisgêneras “deve haver” uma relação entre pertencimento ao gênero e a imagem corporal com seus signos atribuídos. A exemplo dos homens trans, exige-se socialmente, e dentro da comunidade transmasculina, que tais sujeitos apresentem tais

signos, em especial a barba e ausência de seios, (re)criando uma hierarquia de gênero. Peter reflete sobre sua experiência:

O antes e depois que a gente posta na internet, as pessoas falam: “Ué, que estranho, não está tão masculino”. Acho que a cobrança de uma masculinidade no meio trans não deveria existir, porque nem sempre uma pessoa trans é masculina e não tem que ser necessariamente masculino, um homem trans pode muito bem ser feminino (Peter, 24, heterossexual, 1 ano e 6 meses em T).

Preciado (2018) conclui que os efeitos da testosterona não são *per si* masculinos. O que se pode afirmar é que essas implicações foram propriedades exclusivas dos homens cisgêneros por muito tempo. O autor enfatiza: “A masculinidade é apenas um dos possíveis subprodutos políticos (não biológicos) da administração da testosterona: não é o único nem o que será totalmente dominante a longo prazo” (Preciado, 2018, p. 152).

Observa-se, nas narrativas aqui alocadas, que o processo de transição de gênero dos homens trans (não necessariamente, mas ilustrou-se na presente pesquisa) percorre diversos processos que perpassam a disforia corporal e dificuldades de lidar com certos aspectos corporais, em especial, a presença e o volume dos seios, a exploração e a identificação com a identidade transmasculina, modificações corporais não invasivas como vestuário e estilos de cortes de cabelo lidos como masculinos, as expectativas e a escolha de iniciar o processo de hormonização em busca de encontrarem a si mesmos a partir da externalização de como se sentem internamente. Todos mencionaram o desejo de realizar a mamoplastia masculinizadora, contudo, apenas três já haviam alcançado essa meta: um pelo SUS, enquanto dois haviam recorrido à medicina privada.

Considerações finais

O presente estudo buscou retratar o processo de transição de gênero de homens trans. Os resultados mostraram que vários momentos e vivências compõem o processo complexo de transição de gênero. Dentre os processos de descoberta da possibilidade de transição, identificação com o ser homem trans e processos intermediados pelo corpo, as modificações corporais ganham destaque. Nesse contexto, a hormonização se localiza a partir do propósito inicial de permitir a externalização fenotípica de uma imagem masculina há muito delineada internamente. Tal processo envolve efetuar modificações no corpo biológico investido de significados emocionais, culturais e sociais de características entendidas como pertencentes ao gênero feminino – e que devem ser suprimidas ou alteradas – e daqueles atributos que são significados como próprios do gênero masculino – e que devem ser apropriados e incrementados.

As alterações produzidas na arquitetura corporal correspondem a transformações cuja percepção é visual e material. O registro visual indica o reconhecimento pelo outro e o registro material é a prova incontestável que classificará o sujeito segundo uma leitura feminina ou masculina. Porquanto, o processo de hormonização ganha centralidade na jornada de transição dos homens trans, já que lhes permite agenciar tais realizações. Pode-se concluir que as modificações corporais são maneiras que os homens trans encontram para concretizar o protótipo da figura masculina correspondente à sua identidade e, especialmente, desenhar os contornos de sua subjetividade.

Referências

ALMEIDA, Guilherme. 'Homens trans': novos matizes na aquarela das masculinidades?. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, p. 513-523, ago. 2012. DOI 10.1590/S0104-026X2012000200012

ÁVILA, Simone Nunes. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: a emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo**. 2014. 243p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

CLARKE, Victoria; BRAUN, Virginia; HAYFIELD, Nikki. Análise temática. *In*: SMITH, Jonathan A. (ed.), **Psicologia qualitativa. Um guia prático para métodos de pesquisa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2019. p. 295-327.

LIMA, Fátima; CRUZ, Tereza da Cruz. Os processos de hormonização e a produção do cuidado em saúde na transexualidade masculina. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 162-186, ago. 2016. DOI 10.1590/1984-6487.sess.2016.23.07.a

PRECIADO, Paul Beatriz. (2018). **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. Tradução: Maria P. G. Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018. 448 p.

SAMPAIO, Juliana; MEDRADO, Benedito. Hormônios na produção de modos de subjetivação: atuando controvérsias. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 31, p. e181507, dez. 2019. DOI 10.1590/1807-0310/2019v31181507